

Pedro Cardim

Universidade Nova de Lisboa, Centro de Humanidades (CHAM), Lisboa, Portugal.

pedro.cardim@fcsh.unl.pt

<https://orcid.org/0000-0001-7100-180X>

A sociedade portuguesa do século XVII vista por João de Almeida Soares, advogado da Casa da Suplicação

17th Century's Portuguese Society Seen by João de Almeida Soares, Lawyer at Casa da Suplicação

Resumo: O presente documento é composto por três dezenas de pequenas histórias recolhidas por João de Almeida Soares, um advogado que exerceu a sua profissão em Lisboa em meados do século XVII. Conhecemos esse texto graças a uma cópia anónima efetuada no século XVIII. O texto original terá sido redigido, muito provavelmente, no final da década de 1650 ou no começo da de 1660. No seu conjunto, as histórias nele reunidas proporcionam um sugestivo retrato da sociedade portuguesa de meados do século XVII.

Palavras-chave: Crítica social; Lisboa; Século XVII.

Abstract: This document consists of thirteen short stories collected by João de Almeida Soares, a lawyer who practiced in mid-seventeenth century Lisbon. We have access to this text through an anonymous copy made in the eighteenth century. The original text was most likely written in the late 1650s or early 1660s. Taken together, the stories gathered in this document provide a vivid image of the mid-seventeenth century Portuguese society.

Keywords: Lisbon; Seventeenth century; Social criticism.

O presente documento é composto por três dezenas de pequenas histórias recolhidas por João de Almeida Soares, um advogado que exerceu a sua profissão em Lisboa em meados do século XVII¹. Enquanto advogava, Almeida Soares confrontou-se com episódios que o foram marcando e, tempos mais tarde, decidiu reuni-los num único texto. Conhecemos esse texto não exatamente através do manuscrito autógrafo (o qual não foi possível localizar), mas sim graças a uma cópia anónima efetuada no século XVIII e que integra, atualmente, os fundos da Biblioteca do Palácio da Ajuda, em Lisboa. O texto não se encontra datado. No entanto, com base em elementos referidos em algumas das histórias que o integram, terá sido redigido, muito provavelmente, no final da década de 1650 ou no começo da de 1660.

É pouco o que sabemos sobre o seu autor. Diogo Barbosa Machado, na *Bibliotheca Lusitana*...², conta que João de Almeida Soares foi o décimo filho de Manuel de Almeida Soares. Estudou direito civil na Universidade de Coimbra e fez carreira como advogado a partir de meados de Seiscentos, sobretudo junto da Casa da Suplicação. Faleceu em Lisboa a 8 de março de 1664, tendo sido enterrado na igreja paroquial de Santa Justa.

Para além da advocacia, durante a sua vida Almeida Soares dedicou-se às letras e integrou, como sócio, a Academia dos Singulares de Lisboa, onde se distinguiu pelo seu estilo “jocoso”, “engraçado” e “festivo”. Barbosa Machado atribui-lhe a autoria de uma “Oração recitada na Academia dos Singulares em 23 de Dezembro de 1663”³ e de uma biografia laudatória de D. Afonso de Castelo Branco, bispo de Coimbra, também manuscrita, e que hoje se encontra na Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa⁴.

Segundo Barbosa Machado, Almeida Soares terá igualmente escrito duas poesias que, à semelhança da obra anterior, permaneceram manuscritas: “Laurea Conimbricense” (dedicada a D. Pedro de Meneses, conde de Cantanhede) e “Penhasco confuso”, esta última qualificada, por Barbosa Machado, como “Obra trágica”. João de Almeida Soares é ainda autor de um texto intitulado “Conselhos que o mesmo Author deu a hum seu Sobrinho”⁵ (de que existem várias cópias manuscritas), recentemente

¹ Agradeço a Mafalda Soares da Cunha e a Mariana Meneses Muñoz a leitura crítica de uma primeira versão deste trabalho. As suas indicações em muito o valorizaram.

² Diogo Barbosa Machado. *Bibliotheca Lusitana*. Tomo II, Lisboa: Ignacio Rodrigues, 1747, p. 582.

³ Publicada no tomo I de *Academias dos Singulares de Lisboa*. Lisboa: Henrique Valente de Oliveira, 1665, pp. 139 segs.

⁴ Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa, S.V. 194.

⁵ Biblioteca do Palácio da Ajuda, cód. 51-X-28 nº 17.

publicado pela primeira vez⁶. O autor da *Bibliotheca Lusitana* refere, ainda, o que parece ser uma autobiografia manuscrita intitulada “Vida do Author feita por elle”. Contudo, não foi possível localizar este texto.

Como começámos por referir, tivemos acesso ao escrito de João de Almeida Soares que agora é publicado graças a um livro manuscrito setecentista que reúne vários textos e que se encontra na Biblioteca do Palácio Real da Ajuda, em Lisboa. O título com que o documento é aqui publicado – “Advertencias ou Reparos feytos por João de Almeyda Soares Advogado que foy da caza da Supplicação muitos annos, homem de bom humor” – foi atribuído pelo anónimo autor dessa cópia setecentista.

Esta recolha de pequenas histórias faz parte de um género que se tornou relativamente corrente a partir do século XVI. Com efeito, alguns juizes, magistrados e advogados começaram a desenvolver o hábito de registar episódios marcantes tendo em vista utilizá-los com um propósito formativo. Reuniam essas histórias num único texto que, apesar de manuscrito, podia circular bastante e, dessa forma, transmitir aos leitores vários ensinamentos.

As trinta “Advertencias ou Reparos” que Almeida Soares colocou por escrito encaixam bem nesta descrição, mas têm também afinidades com os textos que, desde o final do século XV, reuniam “advertências” e “avisos” para quem ia frequentar a corte régia. Os exemplos mais conhecidos, para Portugal, são os “Ditos portugueses dignos de memória” ou as “Anedotas portuguesas e memórias biográficas da corte quinhentista”⁷. Para além da concisão dos relatos, estes textos costumavam articular a componente formativa com o elemento jocoso. É isso, precisamente, o que acontece no escrito de Almeida Soares. Fazendo jus à sua reputação de “engraçado” (assim foi qualificado na Academia dos Singulares), conferiu a quase todos os seus relatos um tom chistoso e frequentemente mordaz. Tendo estas características em conta, faz sentido aproximar este seu escrito do género da facécia.

No seu conjunto, as histórias aqui reunidas proporcionam um sugestivo fresco da sociedade portuguesa de meados do século XVII. Os episódios ocorrem, na sua maioria, no meio urbano de Lisboa ou nos

⁶ *Pais e Nobres I – Cartas de instrução para a educação de jovens nobres (séculos XVI-XVIII)*. Ed. José Adriano de Carvalho. Porto: Edições da Universidade do Porto, 2009, pp. 146-161. Barbosa Machado atribui a este texto um título diferente: “Advertencias, e documentos políticos a hum sobrinho”.

⁷ *Ditos Portugueses Dignos de Memória. História Íntima do Século XVI*. Notas de José Hermano Saraiva, 2ª ed. Lisboa: Pub. Europa-América, s/d; *Anedotas Portuguesas e Memórias Biográficas da Corte Quinhentista. Istórias e Ditos Galantes que Sucederão e se Disserão no Paço*. Introdução, notas e índices de Christopher C. Lund. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.

arredores da cidade, e várias dessas histórias refletem o dia-a-dia do advogado, assim como as vivências particulares das pessoas que aparecem nessas histórias. A partir das referências contidas em algumas delas, podemos dizer que tais episódios se espraiam entre a década de 1630 e, talvez, 1660. Numa dessas histórias João de Almeida Soares refere que morava em Lisboa, na rua dos Escudeiros. Numa outra faz referência a uma caldearia vizinha à sua casa. E, de facto, de acordo com um tomo da câmara de Lisboa (de 3 de janeiro de 1559), a rua dos Escudeiros pertencia à freguesia de São Nicolau e a irmandade dos caldeireiros, dedicada a Nossa Senhora da Vitória, localizava-se nas imediações. Essa irmandade contou com um templo próprio a partir de 1556 e agregou, depois, um hospital denominado “Hospital de Nossa Senhora das Virtudes” ou “Hospital da Vitória”. Após o terramoto de 1755 essa via passou a chamar-se rua da Vitória, nome que ainda possui atualmente⁸.

Almeida Soares apresenta-nos um mundo impregnado de cristianismo, assente em relações domésticas marcadas pela assimetria de poder entre maridos e mulheres, entre pais e filhos, entre irmãos e irmãs, e entre senhores e escravizados. Várias das histórias aqui reunidas dão conta de uma sociedade que, para os padrões atuais, era sem dúvida violenta e que não se escandalizava com a brutalidade de que eram vítimas as mulheres. Almeida Soares fala, com naturalidade, de maridos possessivos que agrediam as esposas, de mulheres assassinadas de uma forma algo gratuita, ou de um bispo na Bahia que, para ganhar algum dinheiro, não tinha vergonha de vender um filho que tinha tido com uma mulher escravizada. As suas histórias revelam uma misoginia mais ou menos latente, o que, na verdade, não constitui surpresa, tendo em conta que se situam, todas elas, numa sociedade fortemente patriarcal. Em alguns dos trinta relatos que escreveu, Almeida Soares também dá mostras de homofobia, atitude que, como sabemos, era igualmente corrente naquela época, o mesmo se podendo dizer da sua evidente hostilidade face aos judeus e aos cristãos-novos.

Sendo certo que o propósito formativo está presente em todas as trinta “Advertencias ou Reparos”, em algumas delas o registo jocoso torna-se predominante, com gracejos e chacotas que servem, no fundo, para o advogado criticar determinados grupos sociais do seu tempo. Refira-se, a esse respeito, as várias anedotas que conta envolvendo clérigos com uma conduta desregrada, como por exemplo frades com pouca ou nenhuma disciplina, jesuítas beberrões, clérigos que mantinham

⁸ Agradeço a Mafalda Soares da Cunha esta informação.

relações sexuais com mulheres ou, ainda, eclesiásticos bastante ignorantes que instruíam processos canônicos com várias irregularidades. Como seria de esperar, surgem, igualmente, episódios jocosos envolvendo desembargadores, juízes ou advogados, todos eles mordazmente criticados, sobretudo pelo pouco que se preocupavam com a justiça.

Assim, os breves relatos reunidos por Almeida Soares fazem jus ao título que foi dado a esta recolha: quase todos têm uma componente de “advertência” e de “reparo”. Como dissemos antes, o advogado apresenta um olhar desencantado a respeito da natureza humana e não se coíbe de criticar a sociedade do seu tempo, denunciando “vícios” como a ganância, a soberba, o egoísmo ou a ingratidão. Muitos dos episódios que relata são povoados por pessoas que conscientemente prevaricavam a fim de maximizarem o seu ganho ou para ascenderem socialmente. Numa das histórias chega mesmo a advertir os leitores para a instabilidade da fortuna, e em outras dá exemplos concretos de como a sorte de um ambicioso podia repentinamente mudar.

É sem dúvida difícil dizer até que ponto é representativo o olhar deste advogado da Casa da Suplicação. Tão-pouco sabemos se estas histórias tiveram mesmo lugar como o advogado as contou, ou se têm uma componente ficcional. Nada conhecemos sobre os hábitos de escrita de Almeida Soares. É possível que tenham transcorrido muitos anos entre a ocorrência de alguns destes episódios e o seu registo por escrito. Tal obriga a ter em conta a componente de subjetividade inerente a este documento. De qualquer modo, uma das formas de apurar o grau de verosimilhança destes relatos passará por verificar os nomes, os títulos nobiliárquicos e os cargos neles mencionados.

Para além da sátira como instrumento de reflexão crítica sobre a vida em sociedade, o que acaba por sobressair, neste conjunto “Advertencias ou Reparos” é, também, uma moral que apela à resignação face ao estatuto social, à idade, ao género e à condição jurisdicional. É certo que, por vezes, Almeida Soares parece sugerir que a rebeldia ou um comportamento mais “livre” podiam proporcionar bons resultados. Também dá voz, em algumas das suas histórias, aos poucos que então criticavam abertamente a violência sobre as mulheres, e reconhece, igualmente, um certo poder ao género feminino. Nesse sentido, parece aproximar-se de um registo afim do que aparece no teatro de comédias do seu tempo.

Porém, o que prevalece é, como dissemos, uma moral orientada para a resignação, a par de um evidente desencantamento em relação às pessoas, as quais são implacavelmente criticadas através do humor e da mordacidade de João de Almeida Soares.

Referências

- Academias dos Singulares de Lisboa*. Lisboa: Henrique Valente de Oliveira, 1665 (2 vols).
- Anedotas Portuguesas e Memórias Biográficas da Corte Quinhentista. Istórias e Ditos Galantes que Sucederão e se Disserão no Paço*. Introdução, notas e índices de Christopher C. Lund. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.
- CARVALHO, José Adriano de (ed.). *Pais e Nobres I. Cartas de instrução para a educação de jovens nobres (séculos XVI-XVIII)*. Porto: Edições da Universidade do Porto, 2009.
- Ditos Portugueses Dignos de Memória. História Íntima do Século XVI*. Notas de José Hermano Saraiva, 2ª ed. Lisboa: Pub. Europa-América, s/d;
- MACHADO, Diogo Barbosa. *Bibliotheca Lusitana*. Lisboa: Ignacio Rodrigues, 1747-1758 (4 vols).

Recebido em: 5 de junho de 2020.

Aceito em: 20 de junho de 2020.

Biblioteca do Palácio da Ajuda, cod. 51-X-28, nº 16.

**Advertencias ou Reparos feytos por João de Almeyda Soares
Advogado que foy da Caza da Supplicação muitos annos, homem
de bom humor**

No anno de 1656 veyo hum clerigo ao meu escriptorio lançando rayos pellos Olhos muito Colerico e me disse: Senhor Doutor o mundo está acabado e há de vir hum rayo sobre esta cidade pellas injustiças que nella se fazem sem temor de Deos como se não foramos Christãos.

Perguntando lhe eu: Porquê? Que fizerão a Vossa merce? Respondeo o Clerigo: que me metão na Vizitação dizendo que tenho tres filhos, não tendo mais que dous! Não soube se me risse ou se chorasse, mas elle estava tal, que aprovey o seu sentimento.

Simão de Souza, e Christovão de Souza [p. 267] jrmãos geminos se parecem tanto, que não se vê nelles terem os rostos dissimilantes, e tanto que a mulher de hum chegou a abraçar o cunhado, cuidando era o seu marido. O mesmo Simão de Souza olhando para a vidraça de hum coche, e vendo nella o seu rosto, olhou para trás crendo estar aly seu jrmão. Nos livros da Alfandega asignava a hum pelo outro sem os officiaes repararem antes o cressem assim, e eu conversando ambos como amigos, nunca soube com qual falava, se elles se não nomeavão. Mas não é este o mayor reparo, senão que estando ambos saons, em ambos deu no mesmo jnstante o mal de Asma, e viuendo em duas quintas distantes, quando em hum dáva o mal apertadamente dáva no outro o mesmo mal no mesmo instante. Assim o affirmarão com juramento. Houve entre eles huma differença vendendo fazendas e tendo tratos e contratos, dispondo hum da fazenda do outro sem lho fazer a saber, e sem se conhecer tal disposição. Viuvarão ambos em huma semana tendo as mulheres moças, e morrerão ambos no mesmo dia, e na mesma hora do mal de Ásma.

Digão agora os sábios da Escriptura, que segredos são estes da Natureza? Tenho quinhentos mil reys de renda, não jogo, nem tenho mulher, nem filhos; visto Baeta, [p. 268] e como váca, e no cabo do anno tenho mal para pagar as Cazas; hum Dezembargador com cento e quarenta mil reys de ordenado, sem mais nada, tem cazas de 60 mil reis; mula, liteyra, pagens, lacayos; digno hé de reparo, se não hé que por melhor ganhado, abrange mais.

Sou muito afeyçoado aos Padres da Companhia pelo exemplo, com que vivem, e perfeição com que celebrão o culto Divino; mas não sey, que propozito tem, chamarem ao seu Prelado Propozito, às suas Cellas cubículos, aos seus Dormitorios Franzitos, e aos Padres congregados, que tudo me cheyra a invenção. Como tão bem he pouco louvável terem o

Santo Nome de jesus nas pipas da Adega com o anno do vinho e então perguntão: de que jesus beberemos? Respondem: jesus três anos. E na confraria que instituirão de Nossa Senhora dos Agonizantes, devendo ser dos Agonizados, porque Agonizantes são eles.

Em Domingo 9 de Julho de 1656 disse Missa Nova na Sé desta cidade de Ljsboa hum Religioso Paulista que em secular se chamaua João Monteyro, e depois de Frade Fr. Ambrozio. [fl. 269] Este tal recebeo por mulher a Felippa de Barros, à quem tinha desonrado, e se julgou assim por sentença. O reparo está, em que se recebeo com ella na mesma sé, e depois se foy meter frade sem ella querer, e correndo demanda de nulidade de Profissão o avizarão, e professarão, e na mesma Sé o admittirão a dizer Missa nova, e nella foy hum dos padrinhos o mesmo juiz do feyto da nulidade da Profissão.

Vivendo eu na rua dos Escudeyros no anno de 1642 me ficava vizinho pela parte da Caldeyraria Antonio Lopes soares homem de negocio o qual tinha duas filhas. a cazo veyo a sua casa hum Estrangeyro e pegando na mão à mais velha e levantando lhe figura lhe disse que não cazasse, porque havia morrer de parto. Zombarão os Pays e cazarão-na com Antonio da Fonseca Menza, e aos nove mezes morreu de parto. Cauzou admiração a lembrança, do que disse o estrangeyro e passando elle outra vez pella rua o chamarão; e vendo a mão da segunda filha, Levantando-lhe figura lhe disse tãobem que não cazasse porque havia tãobem morrer de parto. Ficarão os Pays e ella confusos. Aqui entra o reparo que sahindo lhe para cazar com ella Nuno Dias de Castro tãobem homem de negocio, duvidavão os Pays, e repetindo o que o Estrangeyro tinha dito e a experiencia mostrado respondeo a filha dizendo: Senhor, essa morte há de ser [p. 270] depois de eu estar nove mezes cazada? Disserão que sim. Pois, replicou ella, cazem me. E não houve remedio senão casarem-na. Emprenhou, e morreu de parto. não admira tanto a certeza do dito, senão a deliberação do gosto ou appetite.

Hum guarda da Relação tinha hum casa junto da minha quinta, mandou por em cima da porta hum Jmagem da Senhora da Boa hora. Perguntej lhe, quem o movera para aquella invocação? Respondeo, que servia a Relação trinta anos e que no decurso deste tempo vira que hião feytos, e requerimentos com infinita justiça e que não se deferião, por irem em má hora; e que outros sem propósito, nem fundamentos se despachauão com injustiça notória por irem em boa hora, e que era isso tanto asim que os mesmos Dezembargadores dizião às partes: Veyo em boa hora. Lastima Grande! Vir a ser sorte o successo! E o que há de ser verdade, e justiça estar pendente do tempo! E estar no relógio, o que há de estar na conciencia!

Hum moço a São Paulo matou a Francisco Veloso escrivão das propriedades: sendo prezo no anno de 1642 foy sentenciado à morte. Nisto veyo com grande pressa hum Padre da Companhia chama[p. 271]do Diogo Cardim, e lhe disse estando o Moço notificado e sem cor: Alviçaras Filho. Que Padre [respondeo o mizerauel] não morro? Morre, disse o Padre, porem não esquartejado.

Prendendo sse muita gente nesta cidade para o Santo Officio pelo peccado nefando, disse em huma ródá no Adro de S. Domingos hum estudante a outro: quando vi prender tantos, temi vos. Replicou o outro: Porque, sou eu jnquisidor? E deste modo com agudeza lhe veyo a chamar, o que o outro lhe quis chamar.

Antonio de Mariz Carneyro Dezembargador, e juiz dos coutos, a quem por sentença ou por seus merecimentos tirarão a Béca, foy demandado no juizo Eccleziastico por sua mulher para nullidade de matrimonio, allegando ser impotente. Correu a cauza, fez se exame, e julgou se a nulidade; e depois o mesmo juízo Ecclesiastico lhe deu licença a elle para cazar, como hoje está cazado e os mesmos juízes, que o acharão e julgarão impotente, o julgarão potente. Soccedeo no anno de 1646.

Na Corte de Madrid perguntando o Conde Duque que era o maior privado de Espanha DEl rey Felipe 4º a D. Affonso Marquez de Porto Seguro filho do duque de Aveyro, qual era o major Fidalgo de Portugal? Respondeo: aquelle, que melhor guarda [p. 272] a ley de Deos. Tornou o Conde Duque, que não dizia senão de del rey abayxo. Respondeo o Marquez: Eu. A ambas as perguntas respondeo discreto, e verdadeyro, porque a primeyra resposta he verdade infalível; e a segunda certeza conhecida por ser Neto do grande e perfeyto Rey D. João 2º de Portugal. Com licença dos Fidalgos, que cada hum se tem por mais, que o mesmo Rey, mas isso não basta dizerem-no elles, basta saber mo lo nós.

Estando hum Discreto no Claustro de São Domingos notou, que passando huns Frades por outros dizião: Deo gratias Padre Mestre. Passou o sachristão, disseram lhe: Padre Mestre, chamão na Jgreja. Passou o Porteyro, disseram lhe: Padre Mestre, chamão na Portaria. Ao Refeytoreyro: Padre Mestre, são horas de tanger a mesa. Chegou sse o Discreto aos Frades, e perguntou lhes: Padres, quem são aqui os discípulos? Vejo chamar aqui a todos Mestres, tomara saber, quem são os Discipulos? Responderão os Frades: São todos os das outras religioens. Disse lhes o Discreto: pois vossas Paternidades para bem havião de abrir porta por dentro para a Caza dos 24, que está no Hospital paredes meyas. Para que? Disserão os Frades. Respondeo o Discreto: por serem todos Mestres. Com muita razão respondeu, e fez perguntas, porque como nos

Padres houve Paternidade [p. 273] logo se lhes perdeu a reverencia, e como se chamarão Mestres, logo treslerão.

Indo visitar o Mestre Eschola de Lisboa Manoel Simoens no anno de 1653 certa Igreja junto a esta cidade, achou que o cura della tinha conversação illicita e antiga, e que todos os anos ficava na vizita. Chamando o e reprehendendo o amorosamente lhe disse, que estava condemnado em dous mil reys, e que os pozesse aly. Disse o cura: isso hé história; eu não cavo dinheyro. Se vossa merce quer dez tostoens, esses darey eu.

Debateu o Vizitador sobre o quanto, e tanto havia de ser, até que o Cura disse: quer vossa merce os dez tostoens? Se não hey de emendar me.

Enfadou se muito o vizitador e disse lhe: Voss ej logo ameação que se hão de emendar: hora ponha aly os dez tostoens: e ficou como dantes, sendo foreyro do visitador da Alma do Demonio, ou a do Vizitador pella ambição.

Francisca Nunes do lugar de Odivellas cazou por amores com Manoel Correa, o qual tendo leves palavras de pouco momento sobre hum menino lançar hum porco de huma vinha com Salvador Monteyro, este o matou as punhaladas diante de sua mulher sem confissão, a qual dahi a dous mezes cazou com o matador. De nada me espanto que fassão as mulheres, porque hé género aparelhado [p. 274] para todas as temeridades, mas o que mais me admira hé o contentamento do marido presente, que vive contente, tendo por mulher quem assim estima os maridos.

O numero de 40 he misterioso, porque 40 annos andarã os Hebreos pelo dezerto, e tantos lhes choveo o Manná. 40 annos andou Noé fabricando a Arca, em que se salvou. 40 dias durou o diluvio. 40 dias erão necessários para as mulheres que parião filho se purificarem no templo, e 80, se parião filha. 40 dias jejuou Christo senhor nosso. No anno de 40 se libertou Portugal da sujeyção de Castella. Em 40 dias se forma o corpo do homem no ventre de sua May, e tantos não tem Alma. 40 dias assistio Christo na terra depois de sua gloriosa Ressurejção.

Estácio de Saá de Miranda natural da cidade de Coimbra e fidalgo filhado per si, seus Pays e Avós, tirou por diviza no escudo nos Torneyos que se fizerão nas festas da canonização da Raynha Santa Izabel a roda da Fortuna entre Nuvens com esta letra, que dizia: No puede la obscura suerte eclypsar com sus nublados, à los que nascen honrados. E depois o vi assoutar na mesma cidade pelas ruas publicas no anno de 1629 e marcar por ladrão e ser degradado por toda a vida para Angola. Vem a ser o reparo, em que a soberba da sua fidalguia desmentio a letra da sua diviza, que todos [p. 275] os viventes estão sujeytos à fortuna que pode eclypsar o mais luzido.

Simão da Fonseca de Montemor o velho sendo meu condiscípulo em Coimbra deu ao Algoz dous tostoens por dar bons assoutes nos judeos

que sahirão no Acto da Feé afogueados; eu o vi a elle depois assoutar por judeo, e sahir no Acto da Feé e hir parar as gales, aonde anda, e isto sendo Christão Velho, e Fidalgo filhado, que não deyma de frizar com o reparo asima. O caso foy por aquella conjuração que houve de que foy cabeça Diogo Rebello o Achar de Alcinha, que descoberta ella foy queymado em Lysboa, e 32 Testemunhas assoutadas e encarochadas, e para as galés. Advertencia grande para que cada hum se não tenha por seguro do mais não imaginado perigo.

No anno de 1650 foy hum homem enforcar e dizia o pregão: justiça que manda fazer El Rey Nosso Senhor, enforcar este homem por fugir das Galés. Reparay, que enforcado mereceria elle, se fugisse para ellas; mas por fugir dellas!

Amador de Souza Advogado na villa de Torres Vedras teve hum filha unica muito bem dotada da natureza e fortuna, por ser formosa e rica; engeytou muitos casamentos e aceytou por seu marido a Manoel da Costa criado de Manoel de Souza, que então servia de Apozentador mór. Veyo para esta cidade com authoridade, e Cabedal; o Marido a persuadia que [p. 276] fosse ver a mulher do seu Amo, por lhe fazer a vontade foy e chegando à Caza do estrado, lhe disse a senhora: venhais embora. em continente lhe deu hum accidente, de que logo cahio, levarão na para caza, e em poucos dias morreu. Hé o reparo que o appetite a fez cazar; e o desprezo a fez morrer; o gosto lhe elegeo a vida, o brio lha tirou.

Na Caza da Relação da Audiencia da Corte está no encosto da cadeyra pintada a justiça sobre o mundo, no qual tem hum só pé, e o outro levantado. Vendo eu o corregedor da Corte fazer Audiencia me occorerão dous reparos: hum que professando fazer justiça a tinha atraz das Costas; outro que daquele mundo occupava a menor parte a justiça, pois mal lhe tocava com hum pé, e que na experiencia de 20 annos vi, que não erão isto só considerações, senão verdades, porque se me fora permitido apontar as sem razoens, e injustiças; as vinganças, erros e despachos, conhecera sse a bondade da Divina Mizericordia em não cahir hum rayo naquelas cazas.

O Pay do licenciado Francisco Lopes Henriques falesceo em Setubal, e inda a enterrar a S. Julião Freguezia que fica, aonde chamão Sapal estando a Cova cheya de agua repararão, os que assistião, como havião de lançar o corpo naquella agua, que alem de não convir, procederia algum mal: estando [p. 277] nesta duvida passava hum homem com huma cavalgadura carregada de tojo para hum forno, pegarão de dous feyxes e lançando os na cova sobre a agua, e em sima puzerão o corpo, e logo hum pouca de cal virgem para o comer, como costumão. Tanto que a cal chegou à agua começou de ferver, accendeo lume, pegou no tojo, e

queymou o corpo à vista de muitos que o acompanhavão. Entra o reparo, que era Christão nouo, e podia ser tál, que não se descobrindo as suas maldades para a justiça humana o queymar, o queymou a justiça divina, a quem nenhuma se encobrem. E não hé juízo muito temerario, porque dous Filhos deste Francisco Lopes, e Luis Caldeyra fugirão para Castella com medo do Santo Officio no anno de 1651, e o Licenciado Luis Caldeyra sahio condemnado, e queymado em Estatua nesta Cidade de Lisboa; e Francisco Lopes, ou mais confiado, ou mais inocente tornou para a dita cidade, aonde vive com grande estimação.

Catherina Rodarte filha de Domingos Nunes desta cidade cazou com Gonçalo Dias Coelho moço de 20 annos gentil homem, muito bem disposto, e Escrivão dos Orfaons; elle a honrou, e authorizou, pario hum menino que podia servir de prenda a ambos. Morreu Gonçalo Dias (Deos sabe o Como) o menino era criança, pedirão muitos a serventia do Officio, sendo Luis de Mello Presidente [p. 278] da Camera, cuja data era dada á instancia, e pertença no mesmo dia da morte; não quis elle prove lla sem a viúva ser ouvida, e responder. Respondeo que estava cazada com Manoel da Sylva; mandou lhe ajuntar Certidão; satisfez, e constou por ella que se recebera, estando o corpo do marido defunto no meyo da caza. Entra o reparo, que senão cazou pela conveniência ou interesse da serventia (que nem este desculpa semelhante excesso, ou dezaforo) nem a serventia se havia de prover em tempo algum, sem respeytarem o seu remedio, que nisto era vigilantíssimo o Prezidente.

Dando hum dia hum amigo a outro de jantar, entre as mais iguarias veyo manjar branco. Gostou o Hospedado, e querendo encarece llo, não lhe acodio outro encarecimento, e só disse: Valente manjar branco. O Dono da caza prezado de entendido quis logo fazer reparo na palavra, e replicou: Que tem o manjar branco com a valentia? Respondeo o Hospedado: Pello pouco, que tem de galinha. E ficou desta sorte repreendido o Manjar ou o Hospede, já que por cortesia se não calou, quando lhe louvarão a iguaria.

No mez de Outubro do anno de 1659 foy prezo para a Cadea da Corte Francisco Pereyra da Sylva, porque resgatou com o seu [p. 279] dinheiro a 22 moços Portugueses, o major de doze anos, para que não arrenegassem, Como à sua vista o fizeram sete, e esta prizão foy feyta à instancia dos Padres da Trindade, que dizem que só eles hão de resgatar e que se arrenegarem, por eles tardarem, arreneguem embora. Hé o reparo em hauer religiosos, que tal requeyrão, julgador, que tal mande, e Rey, que tal sofra.

Pedro da Sylva de Sampayo Bispo do Brazil foy homem tão ambicioso, que vendia os Ovos das galinhas, que tinha; e indo huma mulher

perguntar à sua caza se havia ovos? Dizendo hum pagem que não, elle o ouviu e o reprehendeo dizendo: ainda aly estão dous. Não hé isto o mais, porque chegou a vender huma filha sua que houvera de huma sua escraua, atropellando pello limitado preço o vinculo da natureza: e falecendo no anno de 1654 testou 600 mil cruzados, indo para lá com o camarote fiado. Mandou que o seu corpo viesse à este Reyno, e lhe fizessem huma Capella; vindo na Nao Santa Margarida o corpo se meteu a pyque e foi Corpo e fazenda ao profundo; permitta a Divina Mizericordia não fosse ao do inferno.

Estando hum homem humilde dando em sua mulher, acodio hum vizinho e reprehende o dizendo que aquillo não erão bons termos, nem os homens de bem davão em suas mulheres. Respondeo, Senhor, não [p. 280] diz Christo no Evangelho que cada hum tóme a sua cruz para o seguir? Pois esta minha hé muito pezada, e não posso com ella, estou-a desbastando.

Outro dando tãobem em sua mulher com excesso dizia, para os que lho estranhavão: eu não dou em minha mulher, que hé muito honrada, dou na condição de minha mulher, porque não convem que condição tão má esteja em mulher tão boa: Fóra condição! E hia-lhe dando.

Jndo o examinador Sebastião Diniz Velho o anno de 1660 à Relação, forão dous Frades Paulistas a examinar; disse o Doutor Examinador a hum deles: Padre, abra esse Missal, e aonde abrir, ahi sera o exame. Abrio em huma Epistola de S. Paulo, que começa: Ad Corinthios Fratres.

Perguntando-lhe, que quer isso dizer? Respondeo: Corinthios Fratres.

Quarenta Frades. Disse o Examinador, que Frades erão esses? Erão da Ordem de Vossa Paternidade? Não, respondeo elle, porque isso hé mais moderno. Olhou o Examinador para o outro Frade Companheyro e disse lhe, que lhe parece à Vossa Paternidade? Respondeo: este moço sempre teve grande opinião na ordem, hé hum rayo, a agudeza hé notável. A graça, ou desgraça foy vir já o Frade para Ordens de Missa, para lhe não poderem tirar, as que tinha. [p. 281]

Hum letrado endoudeceo e estando no Hospital de Lisboa sendo o Conde do Sabugal Provedor, passou a Condeça para a Missa a tempo, que o doudo andaua passeando no Claustro; disse-lhe a Condeça: Vosse como passa? Achasse melhor? Respondeo o doudo: se não me falar por merce, hey de lhe cagar na senhoria.

Na villa de Almada Antonia Morena com seu marido Francisco Marquez, homem do mar, o qual tinha huma filha do primeyro Matrimonio, a mais formoza filha que pode pintar a natureza de idade de 18 annos. Desejou o Pay e a Madrasta que soubesse tanger, e cantar; para isto buscarão hum cego, que havia na Villa muito destro nestas Artes de 90 annos de idade,

muito accommodado para o intento. Começou a ensina lla, e passado alguns meses reparou a Madrasta na grossura da Moça e duvidando chegou a fazer lhe perguntas. Negou ella, dizendo que era opilação, e como era recolhida e honesta, foy fácil o dar lhe credito. Começou a leva la por quintas e ladeyras, dando lhe o Asso. Não parou o achaque, antes cresceo a barriga. Tornou a Madrasta a fazer lhe perguntas com major instancia, athé que confessou estar prenhe do Mestre Cego, que sobre 90 annos de idade, andava com a Cabeça junto ao chão, para onde lhe corrião fios de matéria, que os olhos lhe lançavão, huma corcova grande, que sustentaua hum pao, que trazia na mão. Foy o Pay buscar o dito Cego para [p. 282] o matar, e a Madrasta a Filha, que fugio; o Pay da moça deu no cégo com huma fáca pelas costas, athe que cahio no chão. Fugio o matador, acodirão ao homem e acharão estar vivo. O Prior por obrigação de Parocho foy com préssa buscar a moça, e fez que se recebesse com o cego, por não ficar de todo perdida. Recebidos, hum Avo da Mossa temendo o castigo, que podiam dar ao filho pella morte, prometteu ao Cyrurgião vinte mil reys de alviçaras. Empenhou sse o cyrurgião, melhora o cego, e escapa. Jndo o Cyrurgião pedir as alviçaras, acha o Pay da Mossa, que quis dar no Cyrurgião com a mesma faca. O Cyrurgião em sua necessaria defensa dá-lhe com huma adaga pelas guellas, e máta o Pay da Mossa, que o merecia.